

Crônica: Falar de desejo?! Não, isso não! Então, falarei de pasta de dente, de meia e de colher.

Nestor André Kaercher*

Escrevo em homenagem e em agradecimento a Jorge Luiz Barcellos da Silva (UNIFESP), Cesar Augusto Ferrari Martinez (UFPEl) e Victoria Sabbado Menezes (Unespar), distintas gerações de meus mestres.

Em meu ofício de formador de professores tenho me deparado com algumas características constantes que tem me levado a perguntas que me martelam. Não me paralisam, mas, reconheço, são obstáculos de meu trabalho.

Uma das características de muitos alunos – trabalho com estagiários da Licenciatura de Geografia, período noturno – é a falta de ‘brilho no olho’ ao desempenhar as funções docentes. Parece faltar paixão, desejo, tesão (pdt) para o exercício seja de estudante, seja de professor. Penso, diante desta constatação (as causas são várias, complexas, e, aqui, não me deterei em analisá-las): o que eu posso fazer para estimulá-los? Parto do pressuposto que eu não sei ensinar pdt. Creio que nem seja minha função ensinar pdt, mas, sem dúvida, reconheço a importância do pdt para o exercício da professoralidade. Constatado o obstáculo, mas não tenho a chave que abra a porta do desejo neste futuro/jovem professor.

O desejo. Constatado que ele é fundamental para se fazer algo com destaque e satisfação. Sei também que o trabalho – não só o do professor – não tem como e nem porque ser todo o tempo ‘prazeroso’. Impossível. Quimera. Trabalho é obrigação, encargo, logo, quando nele houver prazer e alegria, ótimo. Não é a regra. Como fugir desta garrafa: buscamos o prazer e temos tanta dificuldade de encontrá-lo?

Você, raro leitor que me lê, quando tem prazer (ou satisfação) ao exercer a docência? Afinal, é justo buscar na escola, na docência, prazer, felicidade? Ou, pelo menos, discutir felicidade, e seu oposto, o sofrimento, em nossas aulas, sejam quais anos forem da Educação Básica? Seja qual for a resposta creio que tendem a concordar comigo que esse prazer/satisfação/felicidade que você obtém na docência não é facilmente transmissível, ‘ensinável’. Paro de falar em desejo, então.

Uma outra característica comum que vejo em estagiários – e, sendo eu um dos formadores deles, sou parte responsável neste diagnóstico – é uma tendência de, não sabendo bem porque ensinar Geografia ou este ou aquele ‘conteúdo’ tem-se a ‘solução’ de ensinar ‘mais conteúdo’. Uma fuga para frente. Diante de uma dificuldade epistemológica (para que ensinar Geografia; selecionar este ou aquele tema; escolher este ou aquele enfoque/recorte?) reforçamos uma concepção de Geografia que é a de falar de tudo, afinal, tudo ocorre na Terra e a Geografia estuda a Terra. Logo, tudo é Geografia. Estamos ainda presos numa ideia de que informar é educar, falar de um assunto nas aulas de Geografia torna este assunto... Geografia. A pergunta, mais uma, que caberia é: porque este assunto é Geografia e porque este assunto é relevante/pertinente para os nossos alunos, sejam eles da Educação Básica, seja lá do Ensino Superior? Resumindo: se não sabemos onde queremos chegar – além de fornecer informações – há uma clara tendência de nossas aulas serem confusas e pouco reflexivas. O que dificulta aumentar a capacidade do aluno ler os espaços que frequenta e saber nele se orientar/posicionar. Diante desse obstáculo (o conteúdo como forma de preencher uma lacuna de onde e como quero chegar) falo de múltiplos assuntos e curiosidades atuais. Com isso a Geografia permanece algo distante do aluno, desinteressante e pouco contribuindo para o aluno entender de maneira mais complexa, dinâmica e contraditória os fenômenos

abordados. Nunca é demais repetir: os temas abordados em aula são meio para atingir certos objetivos. Mas, quais são teus objetivos ao lecionar, além claro de receber um salário e com ele poder se sustentar?

Este pequeno texto não tem a pretensão de ‘resolver’ os dois tópicos apontados, quais sejam, a falta de desejo de lecionar, bem como uma certa confusão acerca do que e como levar para meus/nossos alunos discutirem/trabalharem. Como digo comumente: trago-lhes a problemática, não tenho a ‘solucionática’. Mas ficam as questões: o que você ensina (ou deseja) quando ‘dá’ aula de Geografia? Qual é o seu desejo de exercer esse ofício? Ou ainda, onde você mantém vivo o seu desejo de ensinar? Como você cultiva o seu desejo para não morrer na profissão bem antes de se aposentar? Vemos que a chapa começou a esquentar. Falei inicialmente de desejo e já estou falando em morte! Vamos focar de assunto. Até para ser coerente com o título anunciado.

E ai que me vem à cabeça pasta de dente, meia e colher. Ou meia, colher e pasta de dente, não importa a ordem. Escolhi três objetos um tanto aleatoriamente – escolha você outros - e pense comigo. Vamos jogar e brincar um pouco com as palavras e conceitos. Inicialmente é preciso dizer que parto do pressuposto que todos sabemos o que são e para que servem os citados elementos. A pasta de dente serve para limpar nossos dentes, a meia para vestir os pés e a colher é usada, via de regra, para ingerirmos os alimentos. Até aqui falei o óbvio: meia para o pé, colher para auxiliar a comer (ou para a boca) e pasta de dente para a boca, mas não para comer a própria. Onde entra a Geografia aqui? Primeiro é importante distinguir Geografia – G maiúsculo – a disciplina que você estuda na Universidade e ensina, na universidade ou na escola, um saber institucionalizado e a geografia – com g minúsculo – que, simplificando, mas sem simplório/simplista – é a maneira que os seres humanos tem de EXISTIR, isto é, para sermos humanos (e não ‘apenas’ animais) nós intencionalmente transformamos os espaços, interagimos com a natureza – e dela nos apartamos – para moldar os espaços de acordo com os arranjos sociais dos seus habitantes. Em outras palavras para existirmos fazemos geografia. Por existir, geografamos, marcamos a Terra. O ecúmeno (do grego, ‘que está sendo habitado, ocupado, administrado’) tem a mesma etimologia de ‘economia’ (do grego, *oikos*, casa, ‘administração, direção de uma casa, organização). O mesmo vale para ecologia (*oikos*, casa) com o já conhecido ‘logos’, palavra, estudo). Ao existirmos OCUPAMOS os espaços, mas, eis a diferença da humanidade, o fazemos com intencionalidade. A ocupação é intencional, organizada previamente como ato em pensamento. Não vamos discutir aqui se a ocupação é ‘boa’, ‘racional’, ‘lógica’, etc. E, por serem distintos os meios disponíveis (o Saara é diferente da Amazônia, o Tibet é diferente da foz do Ganges), os ecúmenos, as economias, as ecologias e as SOCIEDADES serão distintas.

Mas, e o que tem a ver os objetos listados (meia, pasta de dente, colher) com o raciocínio geográfico? O raciocínio espacial implica uma ordem lógica, uma organização. Ser (o que sou) e estar (onde estou) se comungam. Ambos – SER e ESTAR - exigem organização/intencionalidade. As coisas e pessoas tem seus lugares. A pergunta geográfica com relação a estes objetos (tecn-

logias, sem dúvida, altamente complexas, basta imaginar que uma colher, geralmente de metal, requer siderurgia/metallurgia, por si só, atividades que levaram milhares de anos para serem desenvolvidas) seria: ONDE OS ENCONTRO e para que servem? Cada objeto, em geral, com seu lugar. E isso organiza nossa casa (economia = administração da casa). A meia eu uso no pé. É um lugar. Se usar a meia na mão, fica estranho. A pasta de dente uso na boca. Usá-la para lavar as mãos? Esquisito. A colher uso para levar algum alimento a boca. Posso usá-la como arma, mas mais do que 'estranho' poderiam concluir que esta pessoa está DESORGANIZADA mentalmente. Órgão, organização, '*organon*', instrumento, engenho para, apto a...). Quem está 'louco' está ... desorganizado mentalmente, está 'fora da casinha', está numa disfunção corpo e mente que o torna socialmente incapaz de viver 'sozinho'. Em tempo, não vamos abrir aqui um parêntese complexo: o que é loucura? Como e quem a identifica? A loucura é algo que mistura organismo (sim, a mesma etimologia de *organon*) biológico com sociedade, pois algo que se faz na Suíça pode ser 'são' e 'louco' na Nigéria.

Mas, seguimos no raciocínio geográfico. Assim como cada dos objetos listados serve para algo ou alguma parte do corpo (boca, mão ou pé) também é possível perguntar: onde encontramos estes objetos, seja no comércio, seja em casa (de novo, o '*oikos*', a casa)? Meia numa loja (de confecções) ou num supermercado. Pasta de dente numa farmácia ou num supermercado. Colher num supermercado (ganhou 3 votos, o que demonstra que é um lugar fundamental em nossa sociedade) ou numa loja de departamentos/bazar. São lugares. Cada coisa no seu lugar. Não procuramos, em geral, meia na farmácia e nem paracetamol numa ferragem. Onde quero chegar? Nossa sociedade se organiza espacialmente e nosso cérebro tem uma organização mental que exige uma organização espaço-temporal. Se não sei onde e nem quando, estou perdido, talvez pior, estou 'louco', estou 'fora' da ordem. Provocando: a Geografia é uma ciência da ordem: onde estão as coisas e pessoas e porque estão ali. A docência é um ofício 'careta': dizer às novas gerações uma série de coisas que você seleciona de antemão. Para que as novas gerações seorganizem espacial e mentalmente!

Continuemos: onde encontro estes objetos em casa? A meia no armário. Do quarto?! A pasta de dente no armário. Do banheiro?! A colher? No armário. Da cozinha. Opa, de novo, três votos, desta feita para o armário. Sinal que é um objeto organizador de nosso espaço e de nossa sociedade. Cada coisa no seu lugar. Você não procura a meia na geladeira ou a pasta de dente na sala. Lugar, organização. Das coisas e das operações mentais que necessitamos para nos movermos no tempo e no espaço. Onde está e para que serve(m) as coisas? Onde estão as pessoas (o ecúmeno)? Porque estão aqui e não ali? Todos os que me lêem certamente usam meia, pasta de dente e colher. Todos tem armários em sua casa?! Todos vocês tem casa?! Casa é o mesmo que apartamento, professor? Neste caso, pode ser sinônimos. Ok, todos temos casa, mas este nome genérico (casa) pode oscilar quase ao infinito. Casa barraco, casebre, choupana ou casa palácio, casa mansão. Toda casa tem banheiro, grosso modo. Mas, não é preciso se esforçar para imaginarmos

casas com um banheiro acanhado, precário e casa com vários banheiros. Quem já não viu – ainda que em revistas de decoração - casas onde os banheiros são lindos, luxuosos? Quanta diferença social que pode indicar a simples palavra banheiro. Podemos fazer este exercício de imaginação com o armário (ou quaisquer outros móveis) cuja função pode ser muito semelhante, mas cujos preços variam enormemente. Sim, nem falei que muitos humanos (na sua cidade, no Paquistão, nas Filipinas) não tem água potável/encanada. Pensaste num cano? Que tecnologia há aí. Metal ou plástico. Você já se deu conta quantos países não tem siderurgias ou fábricas de plásticos?

E o exercício pode se alongar: cozinhas. Como variam de casa para casa. Há na geografia mental de vocês lojas para comprar móveis e eletrodomésticos. Comprar uma geladeira requer procurar – uma operação espacial - um comércio específico. E, não é preciso muito esforço para perceber que os ricos compram em lugares diferentes dos pobres. E onde compram os ‘muito, muito’ ricos? Como não convivemos com eles fica até difícil de responder. Temos que imaginar. Sim, a geografia fala dos espaços ausentes, ideia bem trabalhada por minha colega Roselane Zordan Costella. E o que cada família (pode) por na geladeira? Você já viu quantos tipos de queijos há em um supermercado? E que há casas onde só tem água gelada na geladeira! E mesmo aí pode haver dificuldade para se pagar a conta da energia elétrica!

A geografia (do cotidiano) é a maneira como nos organizamos para viver em sociedade. Os espaços tem função e hierarquia. Os espaços refletem (e condicionam) a existência da(s) sociedade(s) que construímos. É isso que meia, pasta de dente e colher me fizeram pensar e cá estou tentando organizar minha cabeça e minhas aulas de Geografia para me comunicar com vocês leitores, distantes, mas não ausentes posto que estão dentro do meu coração. Repito: onde você mantém vivo o seu desejo de ensinar? Eu digo, no desejo que tenho de interagir com vocês.

Que a Geografia (escolar) ajude a pensarmos que geografia habitamos. Para denunciar o que desumaniza o ser humano. Para anunciar uma outra organização social/espacial que fale – e faça – mais de felicidade para os que, não raro, estão despojados de dignidade.

Porto Alegre, 27 de novembro de 2021.

* Professor da Faculdade de Educação da UFRGS (Porto Alegre/RS)